

## SIMBOLOGIA PRESENTE NA OBRA MENSAGEM DE FERNANDO PESSOA

Alyssa Kayne de Queiroz dos Santos Lima<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – alyssaqueiroz@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo se propõe a analisar a simbologia presente na obra Mensagem de Fernando Pessoa (1888-1935), apresentando e discutindo os resultados dessa investigação. Tem como enfoque principal a análise de alguns poemas retirados do corpo do texto, mais precisamente um poema de cada parte do livro. O livro é organizado em três partes, sendo Brasão, Mar Portuguez e o Encoberto, constituído de 33 poemas ao todo. Para dar maior credibilidade ao trabalho foram utilizadas citações e argumentos teóricos que tratam sobre o assunto, sendo: Berardinelli (1985) e Ordóñez (1994).

**Palavras-chave:** Símbolo, Pessoa, Poema, Portugal.

**Abstract:** This article proposes to analyze the symbology present in the work Message of Fernando Pessoa (1888-1935), presenting and discussing the results of this investigation. Its main focus is the analysis of some poems taken from the body of the text, more precisely a poem from each part of the book. The book is organized in three parts, being Coat of Arms, Portuguese Sea and Encoberto, consisting of 33 poems in all. To give greater credibility to the work, we used citations and theoretical arguments that deal with the subject, being: Berardinelli (1985) and Ordóñez (1994).

**Keywords:** Symbol, Person, Poem, Portugal.

### INTRODUÇÃO

O livro *Mensagem* que será analisado se constitui de 33 poemas que são divididos em três partes que remetem a história de Portugal, sendo intituladas de *Brasão*, *Mar Portuguez* e *Encoberto*. Cada uma dessas partes contam um pouco do que Portugal viveu, sendo a primeira parte o tempo da preparação, a segunda parte o tempo da realização e da queda e a terceira parte o tempo da espera.

O presente artigo trata da análise de aspectos simbolistas nos poemas de Fernando Pessoa, para isso foram coletados alguns textos relevantes ao nosso trabalho, que vamos tratar logo abaixo. A análise será constituída de três poemas, um de cada parte do livro.

Todo o livro contém um espírito messiânico, relatando a vinda do Messias para salvar Portugal, sendo este Dom Sebastião. A primeira parte do livro é o tempo de preparação de Portugal, que almejavam cruzar o horizonte nas navegações e conquistar as longínquas costas não descobertas. Divididos em 5 partes: campos, castelos, quinas, brasão e timbre. O poema que irei analisar desta primeira parte tem como título

*Ulysses*, que compõe a parte dos Castellos, e foi o principal nome que ajudou a solidificar a pátria de Portugal.

A segunda parte é o tempo de realização e da queda, constituído por poemas que mostram essa ascensão e declínio do país, revelando desde a costa tão almejada pelos portugueses (o Brasil) até a morte de muitos navegadores nas embarcações. O poema que irei analisar desta segunda parte tem como título *Infante*, com cunho muito nacionalista e visionário marca uma decisão divina, “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”.

Na terceira parte, o tempo da espera, revela um pouco mais a fundo o tom messiânico do livro. O povo português espera pelo dia que dom Sebastião voltará e fará de Portugal o quinto império. O poema que irei analisar desta terceira parte tem como título *Nevoeiro*, que conta a história que Dom Sebastião desapareceu em um nevoeiro, quando era “desejado” para ser a mudança de Portugal, e todos esperam que volte por esse mesmo nevoeiro para fazer do país o quinto império e mudar a história dessa nação que está em queda.

Como apoio teórico e ponto de partida para delimitação da temática deste trabalho, foi utilizado a leitura do texto *Ensaio* de Cleonice Berardinelli (1985), pretendendo mostrar a variedade de símbolos usados por Fernando Pessoa para compor a sua obra, único livro publicado com seu nome.

## **ANÁLISE DA SIMBOLOGIA PRESENTE NA OBRA PESSOANA**

De acordo com o dicionário, *Símbolo* é aquilo que por convenção ou princípio de analogia formal, ou de outra natureza, substitui ou sugere algo; pode ser também uma pessoa ou personagem que se torna representativa de determinado comportamento de atividade. Ou seja, um símbolo é um tipo de elemento representativo que está em lugar de algo, um dos exemplos é o fato de criarem uma expectativa de “Messias” em torno de Dom Sebastião. A partir dessa explicação, podemos entender mais adiante os símbolos encontrados nessa obra.

O livro tem como título *Mensagem*, traduzindo assim o seu conteúdo, com poemas que carregam a mensagem de Portugal, desde o tempo da preparação até o da espera por uma nação melhor. Com enfoque nacionalista, messiânico e sebastianista se forma o único livro publicado por Fernando Pessoa.

“Não é só um/o conhecimento do mundo que se tem em sua poesia; é destacadamente, o problema do conhecimento: Pessoa, além de transmitir o conhecimento indireto da realidade, à semelhança de todo poeta, enfrenta a problemática desse conhecimento. Mostra-nos o conhecimento que tem das coisas e problematiza-o à nossa frente: sente e pensa o seu objeto, num só golpe. E isso o distingue de todos quantos o precederam e o sucederam.” (MOISÉS, 2015, p. 92)

Assim como a citação acima nos fala, Fernando Pessoa transmitia além do próprio do conhecimento e escrevia sua própria realidade da época, que era a decadência de Portugal e à espera constante da renovação do país com a volta de Dom Sebastião, e se tornou um dos maiores autores da história da literatura. Publicou seu único livro *Mensagem* enquanto estava vivo no ano de 1934, com forte aspecto nacionalista, sebastianista e cercado por símbolos aonde veremos em seus poemas.

Como disse anteriormente, o livro está dividido em três partes, e na primeira parte que tem como título *Brasão* conta a história das glórias portuguesas, da caminhada da terra para o mar, para assim conquistar outras terras. O poema extraído dessa parte tem como título *Ulysses*, e faz parte da subseção *Castellos*, cujos poemas são de pessoas que se destacaram na história de Portugal.

*Ulysses*

O mytho é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mytho brilhante e mudo –  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.  
Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos creou.  
Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundal-a decorre,  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre. (PESSOA, 2014, p. 23)

O poema deixa claro que Ulysses foi um mito para Portugal, que é nada mas é tudo ao mesmo tempo, pois para o país o futuro glorioso só poderá se concretizar através do mito, da sua vivência, daquilo que liberta, mesmo sua história contendo fracassos. O que realmente importa não é a existência real de Ulysses, mas aquilo que representa ao povo, sendo conhecido por ter fundado a cidade de Lisboa e Ulissepona, tendo a ação criadora da nacionalidade, impulsionando a pátria para frente e sendo um símbolo para Portugal.

Esse poema tem um valor simbólico ligado ao poder de redenção e renascimento, que podemos ver claramente na primeira estrofe, nos versos 2, 3, 4 e 5, se comparando ao cristo crucificado, e mostrando toda uma exaltação ao mito. Na segunda estrofe nos mostra a lenda e o mito que Ulysses foi para Portugal, que mesmo se não

existisse o bastava, sendo suficiente para o povo acreditar na grandeza que possui e na que poderá ter. Na terceira estrofe remete a lenda que dá sentido ao real, revelando um fato de que sem mito não há vida, que está presente na realidade como sinal divino, um símbolo muito usado por Pessoa e pela história de Portugal, e que se reduzido a nada ou apenas a metade é considerado morte. Lembrando que “Os heróis desses poemas não chegaram a sê-lo na vida; poucos entenderam a sua glória feita menos do agir do que de suportar as penas infligidas pela Providência ou pelo Fado.” (BERARDINELLI, 2014, p. 118)

Nesse poema que analisamos, percebemos um grande enfoque simbolista em razão do mito que Ulysses se tornou, a grandeza que se tornou em Lisboa e a exaltação heroica que a sociedade impôs. O símbolo do mito é tão forte, que sem isso, a morte era inevitável para essa nação, então a partir desse primeiro poema, podemos começar a ver a força do símbolo presente nos versos da obra Pessoaana.

A segunda parte do livro intitulado *Mar Portuguez* se refere a posse do mar que tanto almejavam, o desbravar de novas terras, a realização que Portugal teve ao descobrir longínquas costas e a sua respectiva queda. O poema que irei analisar dessa parte tem como título *Horizonte*, que conta um pouco do roteiro da conquista do país.

### *Horizonte*

Ó mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mysterio,  
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio  
Splendia sobre as naus da iniciação.  
Linha severa da longínqua costa –  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em arvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores;  
E, no desembarcar, ha aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha.  
O sonho é ver as fórmis invisíveis  
Da distancia imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –  
Os beijos merecidos da Verdade. (PESSOA, 2014, p. 47)

Nesse poema podemos ver a significação simbólica das realizações dos portugueses ao desbravarem o mar, do navegador que olha o horizonte e quer desvendá-lo, da costa que tanto almejavam que é o Brasil, do fascínio dos portugueses pela

terra alcançada. O título já remete a uma ideia de desconhecido que se quer alcançar, de algo que apesar de distante consegue se ver ao longe. O lema de Portugal era alargar o império e solidificar a fé, que podemos ver na significação desse poema.

“Pessoa afirma que a estatura dos poetas de uma corrente literária (no escrito é óbvia a alusão ao sensacionismo) depende basicamente de três coisas, duas das quais são justamente: originalidade e equilíbrio; a terceira é “nacionalidade”, coisa que define como “caráter nacional dessa corrente”. (ORDOÑEZ, 1994, p. 90)

Como a citação diz, uma corrente literária para Fernando Pessoa tinha que ter um caráter nacionalista, um fato marcante em seus poemas da obra *Mensagem*. E este poema *Horizonte* carrega um forte símbolo do nacionalismo em seus versos e do fascínio de cada um dos navegadores ao descobrir a costa almejada. As duas primeiras estrofes desse poema remetem a transformação do mito em realidade, do sonho se tornando algo concreto, e a terceira estrofe da concretização do sonho.

A primeira estrofe fala do medo que os navegadores tinham do desconhecido, das noites aterrorizantes, do céu estrelado, da insegurança que passavam para desvendar algo novo, do encantamento dos navegadores ao enxergar de longe a costa e da fé e da religião presente. Na segunda estrofe começam a falar da longínqua costa que era o Brasil, e o Longe era seu maior obstáculo, ou seja, a distância que antes era somente um mar cheio de nada, torna-se uma terra em “sons e cores”, com algo a desvendar e assim engrandecer seu império. Na terceira estrofe fala do sonho realizado, do encantamento e realização dos portugueses chegarem ao seu destino final, ou seja, essa “Verdade” sendo considerada espiritual surge como verdadeira recompensa e simbolismo da fé de Portugal.

Neste segundo poema, há um peso simbolista no descobrimento de uma longínqua costa, da concretização de um sonho tão esperado pelos navegadores, e uma fé tão presente em todo o livro. Há também o símbolo mitológico que tudo era belo, se transformando em uma realidade, tudo alcançado pelos seus próprios olhares. Uma força de um símbolo se tornando realidade, uma verdade espiritual como símbolo de fé e recompensa.

A terceira parte do livro intitulado como *O encoberto*, refere-se ao tempo de espera dos portugueses pelo quinto império, pela renovação de Portugal. O país chegou a ser “a bola da vez” da Europa, por ter desbravado e descoberto novas costas, como o Brasil, mas Portugal após essa fase teve uma decaída de poder, que é metaforizada pelo mito do desaparecimento de Dom Sebastião, principal personagem da obra.

*Nevoeiro*

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer –  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo-fatuo encerra.  
Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ancia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...  
É a Hora! (PESSOA, 2014, p. 75)

Neste poema podemos constatar o declínio que Portugal estava passando e a esperança do retorno de Dom Sebastião. Morreu em uma batalha no deserto de Alcácer Quibir e abriu caminho para a entrega da coroa portuguesa à Espanha, Dom Sebastião era rei de Portugal na época e ninguém se conformava com o declínio que o país estava passando e surgiu o “mito sebastianista”, que assim como desapareceu em um dia de nevoeiro, voltaria em um dia de nevoeiro para salvar a nação e instaurar o quinto império em Portugal. Podemos constatar essa história na seguinte citação de Ordoñez (1994, p. 109-110):

“Desaparece o jovem rei dom Sebastião numa desengonçada empresa bélica contra os arábes no norte da África, especificamente no lugar chamado Alcácer Quibir. Ao morrer dom Sebastião sem deixar descendência, o reino de Portugal foi deixado a Castela, seu eterno rival, coisa que consterna profundamente a nação portuguesa. Aqueles que voltam de Alcácer Quibir jamais aceitam o fato de ter visto o rei morrer, o que é compreensível, já que o código de cavalaria indicava que aquele que visse o rei em perigo de morte deveria dar a vida por ele, sob pena de perdê-la com desonra. Este fato, junto com o trauma de sujeição a Castela, se fundiu na alma dos portugueses com as coplas de “Bandarra” dando origem, assim, ao mito português por autonomasia: o regresso de dom Sebastião traria consigo o ressurgimento de Portugal.”

Como podemos ver, dois fatos principais foram imprescindíveis para o surgimento do mito de Dom Sebastião, e posteriormente aos elementos simbólicos usados no poema *Nevoeiro*. O título nos remete a Dom Sebastião, o simbolismo do mito e ser messiânico que desaparece em um nevoeiro e retornará pelo mesmo, junto com a indefinição do dia da sua vinda. Na primeira estrofe surge uma ideia de indefinição do cenário político atual, juntamente com a crise de identidade que a população vive, e uma constatação do declínio quando diz que Portugal está a entristecer, que tudo está sem brilho e sem

esperança, e existe uma nação que não está conformada com a situação do governo vigente, e espera mudança através do retorno do rei tão aclamado. Na segunda estrofe começa uma guerra de valores nos versos, pois ninguém sabe de nada, está tudo indeterminado, um dos únicos símbolos restantes é a esperança, a possibilidade de mudança com a volta de dom Sebastião. Nos últimos versos revela que Portugal é um nevoeiro, pelo fato da indeterminação em que vive, o fato do querer voltar para o que era antes, as reticências revelando uma esperança da nação. E por fim, “É a Hora!”, revelando toda uma era que está por vim, esperando a concretização daquilo que esperam, que é a volta de Dom Sebastião para renovar o país ao que era antes, e mais uma vez a esperança tão presente nessa terceira parte da obra, um fator e símbolo principal para a fé, o sebastianismo e a religião intensa presente em Portugal nessa época, como se tudo que estivesse morto, estivesse na hora de renascer.

Neste terceiro poema, a força do símbolo está no fato de Dom Sebastião ser um “Messias” tão aguardado para salvar Portugal do declínio em que estava no momento. O país colocou toda sua esperança em torno de um símbolo, de um mito, pois a única pessoa que poderia mudar a história, e levantar a nação no momento em que estava, segundo a sociedade, seria Dom Sebastião.

## CONCLUSÃO

O único livro publicado por Fernando Pessoa, como ôrtonimo, traduz uma beleza em seus versos, até quando Portugal passa por fases angustiantes, apenas poderia ter escrito versos comuns contando a história de Portugal, mas quis ir além disso, e trabalhou a questão simbólica em todo decorrer da sua obra, traduzindo no decorrer de seus versos, sentimentos e sensações de toda uma sociedade.

“A mais portuguesa das obras de Pessoa, é válida por seu alto nível poético, por sua primorosa estrutura e pela captação total da alma portuguesa, heroica e mística, saudosista e messiânica.” (BERARDINELLI, 2014, p. 122) Como podemos ver durante essa pequena amostra de poemas da obra Pessoana, existe uma grandeza de versos e estrutura, e uma forma que demonstra o cenário de Portugal desde a glória até seu declínio, juntamente com a espera por uma nação melhor. Essa relação simbólica foi fundamental para a grandeza que a obra *Mensagem* se tornou, demonstrando em seus versos cada detalhe dessa “caminhada” de Portugal, e não se tornando apenas mais um livro de histórias, e sim um grande marco de versos.

Ao longo deste trabalho podemos observar os símbolos na obra Pessoana, analisando e entendendo essa simbologia presente em seus poemas e em todo seu livro *Mensagem*. O esperado para esta pesquisa foi alcançado de forma



satisfatória, já que foi encontrando uma quantidade e variedade de símbolos em seus versos, garantindo uma boa estrutura e desenvolvimento da obra. No poema *Ulysses* podemos ver o mito, que era tão presente em Portugal. No poema *Horizonte* podemos destacar a ansiedade que viviam, o descobrir o novo, e a felicidade de se avistar a costa. No poema *Nevoeiro* podemos destacar a fé e a esperança do povo português ao esperar Dom Sebastião trazer melhorias para sua nação. Em todos esses poemas citados, as histórias são contadas através de símbolos, seja pelo mito, descobrimento ou fé do povo de Portugal.

Por fim, pude destacar a grandeza dessa obra, pois através dos símbolos e versos mostra Fernando Pessoa dialogando com toda uma era, demonstrando sensações vividas desde a glória, passando pelos descobridores e chegando na espera por Dom Sebastião e na fé grandiosa de Portugal, mostrando toda uma realidade da humanidade vivida na época pré-descobrimento, descobrimento e pós-descobrimento do Brasil.

## REFERÊNCIAS

BERARDINELLI, C. **Apresentação, organização e ensaios Cleonice Berardinelli**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MOISÉS, M. A questão dos heterônimos. **Fernando Pessoa: O espelho e a esfinge**. São Paulo: Cultrix, 2015.

ORDOÑEZ, A. **Um místico sem fé: uma aproximação ao pensamento heteronímico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

PESSOA, F. **Mensagem**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.